

**BERNARDO; Ana Rosa Bernardo<sup>1</sup>, NAIFF; Luciene Alves Miguez<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Situações adversas como guerras, pandemias, refúgios e migração forçada geram pensamentos, sentimentos e emoções que regem comportamentos nem sempre calcados na racionalidade e aumentam a busca por “bodes expiatórios” e a culpabilização por grupos sociais. Na pandemia de COVID-19, doença que assola a humanidade nesse século XXI, não foi diferente. Junto à doença surgiu um cenário de desinformação e medo, ingredientes potentes para provocar ambientes hostis e pouco racionais, nos quais a empatia e sentimentos pró-sociais podem ser facilmente embotados, visando a sobrevivência de si mesmo e dos seus mais próximos, e o negacionismo ganha força. Esse contexto foi potencializado pelo uso indiscriminado das redes sociais, utilizadas como principal fonte de informação, que intensificaram, e ainda intensificam, os embates e conflitos entre diferentes grupos ideológicos e políticos e aumentam a vulnerabilidade à influência social de narrativas político-ideológicas desses grupos. Tendo em vista essa conjuntura, a presente pesquisa objetivou estudar a perspectiva psicossocial acerca dos direitos humanos em meio a pandemia de 2020, visando identificar as representações sociais de ser brasileiro nesse período em universitários e não universitários. Para tal, utilizaremos como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais (TRS), que compreendem as representações sociais como conhecimentos produzidos e compartilhados socialmente visando transformar o não familiar em familiar, em articulação com conceitos de preconceito e identidade social. De acordo com Tajfel (1982), precisamos de uma identidade social para nos posicionar na sociedade. É a partir dessa identidade que iremos direcionar nossos afetos, nossas ações e nossas escolhas. Incluímos-nos em um grupo social e a partir dessa inclusão sabemos quem somos e quem não somos, ou seja, nos definimos por afinidades ao nosso grupo e rejeição aos valores e ideias do outro grupo ou exogrupo. Essa diferenciação entre grupos possibilitaria o surgimento do preconceito, ou seja, uma atitude de carga afetiva negativa em relação a uma pessoa baseada na ideia de que ela possui características negativas atribuídas a um grupo. A pesquisa foi do tipo qualitativa e realizada de forma remota com 192 participantes. A coleta de dados se deu por meio de um questionário online e os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontaram para representações sociais negativas em relação à vivência dos brasileiros em meio a pandemia. O contexto sanitário bem como a situação socioeconômica e política do país fez surgir nos entrevistados sentimentos e sensações de tragédia, vergonha, vulnerabilidade, abandono e desesperança. O país passava por uma grande polarização política e uma grave crise institucional, que acabou por abarcar conceitos científicos balizados como formas de se proteger da doença e da vacina, criando medo e insegurança. Nesse cenário, discursos negacionistas se intensificaram, desgastando não só a ciência, como também, afetando a esfera dos direitos humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** COVID-19, DIREITOS HUMANOS, Representações Sociais

<sup>1</sup> UFRRJ, anarosa424@gmail.com

<sup>2</sup> UFRRJ, lunaiff@gmail.com